

“CORPOS DÓCEIS”: O CORREIO FEMININO E CLARICE LISPECTOR

Sidinea Pedreira Vrbata¹

Este artigo discute as contradições e a dimensão paradoxal de “as duas Clarices”, a da ficção e a das páginas femininas. Porém, o foco estará na sua atuação como autora de páginas “femininas”. Tendo como ponto de partida o conceito de “corpos dóceis” de Michael Foucault, este artigo propõe uma análise dos escritos de Clarice Lispector para a imprensa feminina entre 1950 e 1960, reunidas na coletânea *Correio Feminino*. Interessa aqui estabelecer relações entre corpo feminino, adestramento, submissão e dominação, e discutir em que medida as páginas femininas trabalham no sentido da regulação, da manutenção da subalternidade da mulher e da normatização de um “ideal” de comportamento sexual feminino.

Palavras-chaves: Clarice Lispector, *Correio Feminino*, imprensa feminina, corpos dóceis, sexualidades.

“DOCILE BODIES”: CORREIO FEMININO AND CLARICE LISPECTOR

This article discusses some contradictions and paradoxical dimension of “*as duas Clarices*” (two Clarices): the one of fiction books and the other one of feminine pages. Nevertheless, my main attention is paid to Clarice as an author of “feminine” pages. Using Michel Foucault’s concept of “*corps dociles*” as a point of departure, this paper proposes an analysis of Clarice Lispector’s writings in feminine press between 1950 and 1960, those collected in *Correio Feminino*. This paper proposes thesis of relation between woman’s body, training, submission and domination, and discusses to what degree Lispector’s feminine pages represent act of regulation, maintenance, and normalization of an “*ideal*” of female’s sexual behaviour.

Key-words: Clarice Lispector, *Correio Feminino*, feminine press, “corps dociles”, sexualities.

¹ Sidinea Pedreira Vrbata, mestre em estudos feministas pela Universidade de Coimbra, Portugal, dedica-se as temáticas: representações de mulheres e simbolismo do corpo nas obras na literatura moderna brasileira, particularmente na obra da Clarice Lispector. Colabora com o Departamento de Estudos Feministas da Universidade de Coimbra - Portugal. O tema “corpos dóceis” desenvolveu particularmente na sua dissertação de mestrado “*O Correio Feminino e o Social em Clarice Lispector: Representações de mulheres brasileiras entre as décadas de 1950 e 1960*”. Mora em Feira de Santana, Bahia, onde participa do Coletivo de Mulheres. Email: s.a.pedreira@hotmail.com

1.0 “AS VIAS CRUCIS DO CORPO”

A história das mulheres está diretamente ligada à história das representações do corpo feminino. Dentro da cultura ocidental as representações do corpo refletiam (e ainda refletem) o dualismo ontológico da moral cristã (dualismo do bem/espírito, puro e do mal/matéria, corpo, sujo). A reflexão sobre esse dualismo começou a ser repensado e refletido dentro de processo da de-sacralização do tempo e do espaço na sociedade moderna europeia. Assim, a axiologia e a moral tradicional cristã passaram pela relativização, o que gerou modelos alternativos. Reprimida e inferiorizada a feminilidade passou pelo primeiro passo revolucionário na assim chamada revolução romântica. *Ratio* até então venerada e associada com masculinidade, civilização e progresso começou a ser relativizada e criticamente julgada, às vezes até condenada. Valorizando emoções, instintos, individualidade, corporalidade em detrimento do intelecto frio e crítico, objetividade e conformidade, os românticos abriram a porta também à dimensão sexual da existência humana. Nesse aspecto o movimento romântico pode ser considerado antecessor de outras revoluções culturais focadas no indivíduo, que teve caráter quase global, e levou ao nascimento de várias disciplinas, como a Psicologia, por exemplo, tradicionalmente considerada inferior.

. Acho importante salientar que o interesse pela mulher (feminino), no sentido mais amplo da palavra, significa também que feminino não deveria ser entendido literalmente, mas simbolicamente através de suas representações. A substituição do paradigma tradicional cristão e seu entendimento da mulher (por exemplo, São Tomás de Aquino) pelo paradigma moderno (direitos humanos, igualdade, expressão livre, etc.) frequentemente levou apenas às mudanças formais, e mudanças que foram aplicadas somente aos homens. A percepção da sociedade e do mundo de um homem moderno continua sendo (mais ou menos conscientemente) influenciada pela moral cristã tradicional, o que é bem visível nomeadamente em alguns países onde os papéis e padrões sociais são exageradamente rígidos sem muitos espaços alternativos.

As representações da mulher no ocidente passaram por mudanças desde a época do Iluminismo, e assim continuou durante os séculos 19 e 20. O corpo feminino recebeu atenção considerável e até diríamos, revolucionária, de mãos dadas com o progresso da

medicina². O caso brasileiro – dado contexto histórico, cultural e antropológico diferente – oferece outras imagens³. Antropólogos, psicólogos e historiadores descreveram o feminino brasileiro de maneira suficiente para podermos constatar que o “padrão tradicional” sofreu poucas mudanças. Quando falarmos sobre “sex appeal”, por exemplo, temos que ter em mente esse contexto histórico e cultural brasileiro. Nos textos de Roberto Gambini a mulher índia (primeiras mães dos futuros brasileiros) foi descrita como sexualmente ativa, sem “sentimento da culpa” associado com sexo e corpo, conscientemente vivendo o seu corpo, mas sem “alma” (não “civilizada”, isto é não-católica). Segundo Gambini era justamente essa característica da mulher o que gerou, logo no início da história brasileira, uma “negação” de uma civilização pela outra. A civilização luso-européia formada por padrões patriarcais, acostumada à supressão do corpo e dos prazeres corporais negou a civilização indígena. Segundo Gambini, a civilização brasileira, ainda hoje, sofre por esse conflito mal resolvido (GAMBINI, 1998: 17-40).

O foco desse ensaio está nos aspectos da obra duma das grandes escritoras brasileiras de repercussão mundial, Clarice Lispector, mais especificamente a parte de sua obra que dá ênfase ao corpo feminino⁴ e suas representações dentro desse contexto brasileiro. Minha pesquisa estuda não a parte mais venerada da escritora, mas a produção dela que parece ser – ainda hoje, tantos anos depois de sua morte – esquecida, escondida, posta na sombra ou, em outras palavras, considerada inferior. A autora mesma escreveu esses textos sob pseudônimos. Claro, podemos especular porque, mas de qualquer forma, nenhum desses pseudônimos ficou famoso ou venerado. O dualismo aqui descrito não é só o dualismo da autora, também é o dualismo da nossa sociedade: **corpo-mente, publico-privado, tradicional-moderno, ativo-passivo, submissão-**

² Mary Del Priore (1999), em artigo “Viagem pelo imaginário do interior feminino” faz um panhado da história dos corpos femininos, a partir das representações predominantemente médicas do século 18.

³ Sobre esse assunto, particularmente, pode-se consultar um capítulo intitulado “No país da ambiguidade: sexo, mentiras e o medo dos homens” in: GAMBINI, Roberto. *Outros 500: uma conversa sobre a alma brasileira*, São Paulo: Editora Senac, 1998. Também pode-se consultar CHAUI, Marilena. *Repressão Sexual: essa (des) conhecida*, 6ª edição, São Paulo: Editora Brasiliense, 1984, um capítulo intitulado “República-mulher: entre Maria e Marianne” in: CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*, São Paulo: Companhia das Letras, 1990, e ainda SARDENBERG, Cecília Maria Bacelar. “A mulher frente a cultura da eterna juventude: Reflexões teóricas e pessoais de uma feminista cinquentona” in: FERREIRA, Sílvia Lúcia e NASCIMENTO, Enilda Rosendo (orgs). *Imagens da mulher na cultura contemporânea, Coleção Bahianas*, Salvador: NEIM/UFBA, 2002.

⁴ Sobre a obra de Clarice Lispector e a relação com o corpo feminino, consultar os artigos: ROSENBAUM, Yudith. “No território das pulsões”; SÁ, Olga. “Uma metafísica da matéria ou uma poética do corpo, in: *Cadernos de Literatura Brasileira: Clarice Lispector*, Rio de Janeiro, Instituto Moreira Sales, v.1, nº 17 e 18, 2004.

dominação. Estudando a obra de Clarice Lispector, temos que entender esses dualismos dentro dos espaços da sociedade brasileira.

2.0 DUPLICIDADE OU “DUALISMOS” EM CLARICE LISPECTOR?

Clarice Lispector é um dos nomes mais importantes dentro da literatura brasileira. Sua obra é amplamente discutida não só no Brasil, mas também na América Latina, Europa e Estados Unidos. O interesse pela ficção lispectoriana tem crescido internacionalmente, e se estendido às várias disciplinas, incluindo os departamentos de Literatura Comparada, e Estudos de Gênero, e frequentemente tem sido tema de diversas teses de doutorado. Por outro lado, o período de sua vida que corresponde ao trabalho jornalístico e as crônicas escritas pela autora para jornais brasileiros (e que representa um aspecto importante de sua trajetória) ainda vem sendo objeto de estudo de poucos pesquisadores. Tentar dialogar com “as duas Clarices” é fator fundamental para compreender melhor a dimensão da sua obra.

Como ficcionista, nos interessa pensar qual o lugar que ocupa o desejo e o corpo na obra de Clarice Lispector. Até que ponto o desejo, a dimensão corporal, as relações ou os “laços de família”, a compreensão, ou o amor altruísta é destruidor ou libertador, particularmente no contexto da regulação do comportamento sexual das mulheres à época? É justamente nesse aspecto – que a obra ficcional de Clarice Lispector – trabalha no sentido da libertação da mulher, pois a autora insere nos textos elementos que contribuem para questionar os “laços familiares”, as relações entre os sexos, a finalidade das actividades domésticas diárias, o sentimento gerado no interior das personagens ao submeterem-se a ordem considerada “natural”. O centro das histórias encontra-se nos momentos em que as personagens femininas – querem apropriar-se de algo que está fora do espaço considerado como o que lhe é próprio ou quando vão para fora desse espaço e se confrontam com um mundo desconhecido (PEDREIRA, 2011: 53, 54).

Contraditoriamente, as colunas de Clarice Lispector para a imprensa feminina, parecem protagonizar um retrato da mulher brasileira defendido pela “imprensa feminina” da época⁵, com ênfase em valores que apregoavam os papéis tradicionais das

⁵ O ideal da maternidade não desaparece, fica nas entrelinhas dos discursos, mas também continua sendo exigido. Segundo Buitoni, tanto os jornais, como principalmente as revistas dos anos 1950, mostram imagens das mulheres que procuram através do amor romântico a felicidade. O amor romântico tem como finalidade o casamento. O alvo deveria ser alcançar tanto um como o outro, porém o primeiro é preterido ao segundo, pois o objectivo maior é a segurança social. As revistas e jornais exploram essa imagem, e

mulheres como esposas, domésticas, e também como mães. Tratam de assuntos tradicionais, moda, beleza, culinária, decoração, assuntos de saúde, orçamento doméstico e assim por diante. Será que o fato de ter que dar ênfase aos papéis tradicionais, poderia justificar o fato da autora não assumir a autoria desses textos? Afinal, Clarice Lispector usou pseudônimos⁶ para dedicar-se a escrita de “páginas femininas”. Por outro lado, Clarice também utilizou em seus textos pioneiras feministas como Simone de Beauvoir e Virgínia Woolf (LISPECTOR, 2006: 125). Em alguns textos é possível notar, subtilmente, o recurso da ironia no que se referem aos papéis femininos. Esse é um carácter contraditório das colunas de Clarice, pois ao mesmo tempo defendia os estereótipos da mulher reconhecidos tradicionalmente⁷, e incentivava o cumprimento destes. Poderíamos então falar numa espécie de duplicidade em Clarice Lispector? Outro aspecto importante das colunas femininas de Lispector, é a maneira como o corpo e a sexualidade são postos, diferentemente de sua ficção. Os textos para as páginas femininas tem linguagem corriqueira e fala para mulheres de classe média urbana (geralmente casadas) do Rio de Janeiro, assumem carácter imperativo, aconselhando sobre cuidados com o corpo: “cuide da pele, dos cabelos e do corpo”, “façam regime”, cuide da alimentação”, e sobre a relação com os outros: “nada de palavras grosseiras”; “não se masculinize”, “seja mulher”; “sejam contidas” e “cuidado com a liberdade demasiada”, “abneguem-se”.

Analisar o *Correio Feminino*⁸ é antes de mais nada, compreender a caracterização e o papel da imprensa feminina brasileira⁹ nas décadas de 1950 e 1960, e

oferecem artigos que aconselham essas mulheres sobre moda, cuidados com o corpo, receitas para conquistar os homens e arranjar marido (BUITONI, 2009: 102).

⁶ Clarice Lispector escreve as primeiras páginas femininas em 1952, tendo como pseudónimo Tereza Quadros, no tablóide *Comício*⁶, numa coluna intitulada “Entre Mulheres^{6m}”. Durante os anos de 1959 a 1961, no *Correio da Manhã*⁶, com a coluna “Feira de Utilidades” e a secção “Correio Feminino” é Helen Palmer, e no *Diário da Noite*, entre 1960 e 1961, na coluna “Só para mulheres”, é a *ghost writer* da actriz e modelo Ilka Soares (NUNES, 2008: 144).

⁷ A discussão sobre o papel das mulheres, bem como o papel dos homens na sociedade, as relações entre os sexos, assim como o ideário da família burguesa, caracterizou a sociedade dos anos 1950 e 1960 (BASSANNEZI, 2002). Factores como: a moral social da época – concepções de honra e de casamento das mulheres, também é importante. As normas utilizados na formação dessas mulheres, assim como o papel da igreja católica, tanto educacional quanto social, e o discurso defendido pela medicina social, são de extrema importância para conhecer a história das mulheres e o movimento feminista no Brasil. (BASSANNEZI, 2002: 609).

⁸ Os textos a que se referem este artigo fazem parte da coletânea organizada por Aparecida Maria Nunes, composta por treze textos de Tereza Quadros, do *Comício*, oitenta textos de Ilka Soares, do *Diário da Noite*, e oitenta e cinco textos de Helen Palmer, do *Correio da Manhã*.

⁹ O discurso da imprensa feminina entre os anos 1950 e 1960 embora coloque ênfase na valorização da mulher moderna, sedutora, preocupada com a beleza e com a conquista do seu macho, valoriza a

prescrutar o imaginário que se configurou historicamente acerca do corpo feminino. Assim entende-se que é possível analisar em que medida as colunas femininas de Clarice Lispector fala do corpo da mulher, tentam regular ou manter a subalternidade social da mulher brasileira e/ou colaboram para manter um comportamento sexual feminino considerado como “ideal”.

3.0 A DOCILIZAÇÃO DOS CORPOS

É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado (FOUCAULT, 2009: 132).

O paradigma da modernidade ocidental produziu o “homem livre”. Ao analisar a subjetividade moderna a partir do estudo do sujeito e das instituições, as quais constituíam-se em espécies de prisões para o homem moderno, Foucault faz uma desconstrução do sujeito moderno, além de desconstruir essa ideia de liberdade do indivíduo (uma das características da modernidade). No livro em que fala sobre o nascimento das prisões, Michael Foucault, descreve o que para ele se configura o soldado no século 18¹⁰. Ele intitula esse capítulo “Corps Dociles”, e é justamente assim que ele se refere aos corpos desses soldados. Nas páginas femininas de Clarice Lispector, o corpo da mulher representa esse “corp docile”, de que fala Foucault, no sentido de que é corpo submisso, corpo que é incentivado ao cuidado para ser utilizado e para ser útil seja para homem, filhos, família ou para o corpo social. Para docilizar esse corpo é necessário seguir vários rituais, sejam de comportamento, cuidado com o corpo, aprendizagens, enfim, da própria utilização do tempo/espço.

maternidade, a condição de esposa (O status de esposa só será legitimado pelo status maternal⁹, que se faz em detrimento da identidade, do próprio discurso, do corpo e da sexualidade da mulher) e de dona de casa. A imprensa feminina no Brasil tinha a sua própria censura, e tenta mostrar a mulher em termos genéricos, tenta-se apagar raça, classe social e sexualidade, mostra-se a mulher “universal”. “A mulher branca, sorridente é rótulo e marca do produto chamado imprensa feminina” (BUIIONI, 2009: 209). A maioria dos textos femininos utilizava verbos de estado quando se referia a mulher. Assim, a mulher é quase sempre qualificada, mais em suas virtudes ou não virtudes do que pela acção (BUIIONI, 2009: 200).

¹⁰ “... o soldado tornou-se algo que se fabrica; de uma massa informe, de um corpo inapto, fez-se a máquina de que se precisa; corrigiram-se aos poucos as posturas: lentamente uma coação calculada percorre cada parte do corpo, se assenhoreia dele, dobra o conjunto, torna-o perpetuamente disponível, e se prolonga, em silêncio, no automatismo dos hábitos...” (FOUCAULT, 2009: 131).

3.1 “Sex Appeal” como dever

“A mulher moderna sabe que, apesar da evolução das ciências e das artes, o homem continua o mesmo, e o principal atractivo que encontra na mulher é a sua aparência física” (LISPECTOR, 2006: 15).

O retrato das mulheres, traçado nas crónicas apresentadas na colectânea *Correio Feminino*, é o de sedutoras (as mulheres existem para conquistar os homens e devem se esforçar para manter uma aparência que garanta isso). Helen Palmer fala da sedução diária e constante que deve ser exercida pela mulher para “prender” o seu homem (LISPECTOR, 2006: 17). O objectivo é ter “faceirice”, seduzir os homens visando alcançar o casamento.

Você já pensou em quanto tempo e dinheiro as mulheres gastam na beleza? Quanto ao tempo, pelo menos metade das horas em que estão acordadas. Tudo para o quê? Para conseguir a beleza pela beleza propriamente dita? Não, é claro. Para agradar e seduzir os homens, para se casarem com eles (LISPECTOR, 2006: 70).

Contrário ao casamento, que está relacionado a submissão ao marido, está a autonomia da mulher que ameaça a família, a religião e a estrutura do Estado. Análises pertinentes como a de Adrienne Rich, por exemplo, fala do amor romântico e do casamento como formas de compulsão, e considera a heterossexualidade uma instituição política que retira o poder das mulheres (RICH, 2010: 26).

As mulheres são instigadas a aceitarem a violação masculina, muitas vezes, dentro das instituições – como preço a ser pago pela própria sobrevivência. Desde crianças ensinadas a sujeitar-se, não só aos homens, mas a toda estrutura patriarcal. Sem ter conquistado a autonomia, muitas vezes, entram para a instituição casamento em desvantagem, dependendo financeiramente do homem. Como forma de sobrevivência, assumem um papel subalterno, e muitas vezes, sofrem violência física, psicológica, e de tantos outros aspectos. A sociedade esconde os vários aspectos dessa violência, dando ênfase à sensualidade feminina, à sua disponibilidade sexual, à sua fragilidade e necessidade de protecção. Essa violência simbólica está presente em várias instâncias que estão em contato com as mulheres como a família, a escola, a igreja, enfim. É o que Foucault chamaria de “mecânica do poder”, e que ele assim descreve:

Uma “anatomia política”, que é também igualmente uma “mecânica do poder”, está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina. A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis” (FOUCAULT, 2009: 133).

A disciplina não se fundamenta numa relação de apropriação dos corpos, nem de dominação constante, global, ilimitada, ou estabelecida na base da vontade desenfreada de alguém. Ela se diferencia as disciplinas da escravidão, da domesticidade, da relação de vassalagem, e até mesmo da relação de disciplinamento dos mosteiros. Não é uma relação com códigos altamente definidos, pelo contrário, os códigos são bastantes sutis. Tem, na verdade finalidade de aumentar a utilidade de um corpo. Para Foucault, a disciplina dissocia o poder do corpo (FOUCAULT, 2009: 133). O corpo da mulher é orientado à subordinação social.

O que podemos perceber nas páginas femininas também é a “eroticização da subordinação da mulher”, de que fala Catharine Mackinnon (Mackinnon *apud* RICH, 2010: 29). Outra questão interessante é posta por Kathleen Barry, quando discute sobre “os meios de assegurar o acesso sexual masculino às mulheres”. Barry diz que “ a escravidão sexual está presente em todas as situações onde as mulheres ou as jovens não podem mudar as condições de sua existência (...) pressão social, dificuldades económicas” (Barry *apud* RICH, 2010: 30).

No intuito de assegurar o acesso sexual masculino às mulheres, nada mais eficiente do que reforçar os estereótipos, através dos papéis que devem ser assumidos por essas mulheres na sociedade. As colunas femininas de Clarice fazem isso muito bem. Por exemplo, poderíamos citar, Helen Palmer, na coluna que tem como título “Manias que enfeiam” (LISPECTOR, 2006: 16) , quando comenta sobre a indiscrição das mulheres que falam alto e riem alto, da mania de ser vítima tentando atrair a piedade alheia, e da vaidade de chamar atenção. Como alternativa ao comportamento feminino contrário as expectativas, Helen Palmer, sugere a discrição (que afirma ser preponderante entre os homens) como factor essencial para todas as mulheres. A identidade da mulher, inclusive o seu comportamento sexual, devem ser forçados a partir do homem, daquilo que ele espera e deseja.

(...) aquilo que os homens detestam”: 1º vestido muito justo; 2º pintura excessiva, principalmente nos olhos; 3º modas sofisticadas e complicadas; 4º saltos muito altos; 5º batom exagerado desenhando nova boca exótica; 6º meias com costuras tortas; 7º excesso de jóias; 8º decote exagerado; 9º moça desembaraçada demais; 10º mulher sabichona (LISPECTOR, 2006: 17).

O texto acima descreve uma mulher de “sexualidade excessiva”, que é considerada ameaça para a estrutura do modelo de sociedade patriarcal. Toda manifestação de sexualidade que não caiba dentro dessa estrutura deve sofrer as consequências da regulação. Tudo que transgride as normas sociais, na verdade, será considerado excessivo. A emancipação da mulher, que as páginas femininas anunciam, se restringe ao acompanhamento das regras sociais ensinadas a estas mulheres ao longo dos tempos: o cuidado com o corpo objectivando servir sexualmente ao homem, a importância de estar saudável para ser a sua reprodutora, e ainda, a conservação do altruísmo, necessário para cuidar da família, da casa e dos filhos. As mulheres assim, distanciam-se do exercício de poder dentro do espaço social, ocupando principalmente o espaço doméstico.

3.2 “Corpos dóceis”: a ocupação dos espaços

Nenhum homem pode considerar feminina a mulher que os iguala em tudo ou quase tudo, e seu sentimento para com ela é muito pouco lisonjeiro (LISPECTOR, 2006: 30).

A ordem social, que funciona como uma “máquina simbólica”, é a grande vilã na incorporação da dominação masculina (BOURDIEU, 1999: 24 - 25). As mulheres são ensinadas a “ocupar o espaço”, a se comportar nele, assumir determinadas posições para o corpo, determinadas posturas (carregadas de uma significação moral) e padrões de comportamento. No *Correio Feminino*, os textos de Ilka Soares assumem esse carácter quando, por exemplo, recomendam para as mulheres:

“ (...) fume com jeito feminino (...) não fale com o cigarro entre os lábios (isso é bom para estivadores e, mesmo assim, para estivadores masculinos; mesmo sendo estivadora, você não deve). Xícara e pires não são cinzeiros, sobretudo quando a fumante é mulher (rudeza é mais tolerável em homens)” (LISPECTOR, 2006: 39).

A maneira como cuidar do corpo representa também a maneira como este corpo ocupará o espaço social e de como se deslocará nele. O entendimento dessa questão implicará em ampliar nossa visão acerca de um dos grandes problemas enfrentados hoje

pelas mulheres em boa parte das sociedades no mundo, que é o conflito entre a ocupação do espaço público e do espaço privado. A ordem social subtilmente apresenta o espaço doméstico como sendo o espaço natural da mulher e o espaço público dos homens, limitando tanto o movimento da mulher em direcção ao espaço público como vice-versa.

Essa questão nos recorre ao que Foucault diz acerca das “disciplinas”, que estas procedem à distribuição dos indivíduos no espaço, mediante diversas técnicas, como por exemplo, a especificação de um local heterogêneo a todos os outros, fechado em si mesmo e protegido na monotonia disciplinar. Cada indivíduo deve localizar-se no “seu” lugar para que assim possa ser localizado, vigiado, e com isso, dominado, utilizado (FOUCAULT, 2009: 137-138). Dessa maneira é possível controlar as atividades desse indivíduo, e até obrigá-lo as ocupações determinadas, regulando o ciclo de repetições dessas atividades. No caso das mulheres, esse projeto se configura no lar¹¹. O ambiente doméstico é esse espaço localizado, onde as tarefas e obrigações são determinadas, e o tempo é especificado e controlado não somente pelos filhos, pelo marido ou pela família, mas pelo corpo social que delimita o espaço de atuação da mulher. O bom emprego do corpo¹² sugere um bom emprego do tempo, portanto, o controle desse tempo. A disciplina prescreve a direcção, a duração e o objetivo de cada movimento, de maneira que nada fique ocioso ou inútil, todo o corpo deve ser utilizado exaustivamente (FOUCAULT, 2009: 146-148).

Outra característica importante que podemos notar é a efeminização do espaço privado e a masculinização do espaço público. Todas as atitudes das mulheres, consideradas dentro do espaço reconhecidamente masculino são ridicularizadas, e vice-versa. Por exemplo, Bourdieu, quando fala da relação entre sexualidade e poder, refere a vergonha atribuída a homossexualidade masculina como resultando da atribuição ao homossexual uma qualidade de feminino. É a efeminização do homem através da penetração, simbolicamente considerada como acto de inferioridade (BOURDIEU,

¹¹ *O Monólogo da Vagina* (2000), livro baseado em entrevistas com mais de duzentas mulheres de diversos grupos, inclusive mulheres que ainda viviam nas ruas dos Estados Unidos, Eve Ensler, descreve que o “lar” para muitas dessas mulheres era como um lugar amedrontador, de onde muitas haviam fugido. Além de descrever as experiências que essas mulheres tinham no lar e em seus relacionamentos sexuais, principalmente narra as concepções dessas mulheres sobre o próprio corpo e sobre a relação com o seu órgão sexual.

¹² Sobre a utilização do corpo da mulher pode-se consultar Rose Marie Muraro, a qual fala de “corpos economicamente úteis” in MURARO, Rose Marie. *Sexualidade da Mulher Brasileira – corpo e classe social no Brasil*. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 1983.

1999: 19). As relações sociais, nessa ordem, são relações de dominação, de carácter hierárquico. E dentro dessa ambiência, a relação sexual se mostrará, também, como uma relação social de dominação, construída através do princípio do masculino ativo e do feminino passivo, e do masculino como desejo de posse (BOURDIEU, 1999: 18).

Esse mundo, sexualmente hierarquizado, impõe os padrões que deverão ser aceitos como naturais e óbvios, e que deverão ser vivenciados por homens e mulheres. Segundo Bourdieu, são “prescrições e proscições arbitrárias” impressas nos corpos (BOURDIEU, 1999: 49). Dessa maneira são determinadas as regras: o que fazer, o que não fazer, o que comer, o que vestir, como comportar-se, o que é o belo, o que o feio, o que é proibido. A vida privada torna-se pública e a sociedade se auto intitula reguladora daquilo que é pessoal e íntimo, e passa a habitar o espaço da intimidade. Através de instituições, primeiro como a família, depois como a igreja e a escola, são determinadas regras de conduta, de moral e de trabalho, regulados o comportamento, decidido o certo e o errado, escolhidas as regras de punição, reguladas a sexualidade e a reprodução, definido o público e o privado. A mulher fica submetida a um estado permanente de dependência e de insegurança social, o que constitui a sua castração, e reflete-se diretamente na maneira irá perceber o próprio corpo.

3.3 A Taxonomia Social do Corpo: as mulheres e os mitos da feminilidade

Atributos considerados femininos como a fragilidade, a capacidade de cuidar, a empatia, o altruísmo, e as características físicas que muitas vezes estão associadas com delicadeza e ausência da força se constituem um dos conceitos de feminilidade. Baseando-se nesses princípios a ordem social define o que é masculino e o que é feminino. Essa tentativa de padronização do feminino e do masculino, realizada pelo exercício da dominação masculina na sociedade, constitui mulheres em objectos simbólicos. O corpo feminino passa a ser carregado de simbolismos, e dessa maneira são construídas imagens de mulheres “boas” e “más”. Paulatinamente, a partir dessas imagens, e desse olhar para o corpo feminino são criadas uma série de mitos, que irão determinar nas sociedades conceitos sobre as mulheres e sobre a feminilidade.

Os textos do *Correio Feminino* corroboram para manter alguns desses mitos, que conseqüentemente tornam-se em imagens ou representações das mulheres nas sociedades. Um dos mitos mais antigos, por exemplo, atribuem às mulheres os adjetivos da astúcia e da dissimulação, como demonstra o texto abaixo:

Não há dúvida que a astúcia e dissimulação são armas autenticamente femininas e as mulheres fazem uso delas para vencer o combate travado na vida, principalmente contra as outras mulheres, quando o assunto é: homem! (LISPECTOR, 2006: 77).

É a velha “astúcia” atribuída a serpente e a mulher, numa das narrativas bíblicas do mito da criação do mundo. A inteligência feminina é chamada de astúcia, e associada com o mal. O comportamento exigido das mulheres é contraditório. Dá-se ênfase àquela pessoa maternal, contida e sentimental, já em outro momento é mostrado o seu lado perigoso, influenciável e tendente ao mal. Aparece aí as imagens de Eva e Maria, os dois grandes modelos de feminino da tradição judaico-cristã ocidental.

Germaine Greer, em seu pertinente livro, *The Female Eunuch*, fala do mito do “Eterno Feminino”¹³ como estereótipo. Para Greer existem limites severos para as variações dos estereótipos, justamente porque nada pode interferir na função da mulher como objecto sexual. Como exemplo, a autora fala dos vários tipos das vestimentas que podem ser usadas pelas mulheres, como roupas para andar de motocicleta, para andar a cavalo, ou roupas atléticas, mas, que no entanto, não identifica a função destas mulheres, pelo contrário, o objectivo é apenas acentuar a sua função de objecto sexual na sociedade (GREER, 1971: 69).

Romance had been the one adventure open to her and now it is over. Marriage is the end of the story. Women’s magazines exhort her not to let the romance die out - of her marriage. She tries not to let herself go, keeps young-looking, pretty, tries not to ask her husband every single day if he loves her, wishes his morning kiss before leaving her alone for the day were a little less mechanical (GREER, 1971: 209).

As mulheres que conseguiram entrar para o rol das casadas têm o dever de permanecer nele mediante o auto sacrifício. É preciso manter o romance, o sexo, o marido, os filhos, a casa, as tão sonhadas e valorizadas conquistas sociais.

Outro mito também é o que relaciona diretamente a mulher com a maternidade. Na ordem social patriarcal – a mulher, que não possui nem o próprio corpo, é

¹³ The stereotype is the Eternal Feminine. She is the Sexual Object sought by all men, and by all women. She is of their sex, for she has herself no sex at all. Her value is solely attested by the demand she excites in others. All she must contribute is her existence. She need achieve nothing, for she is the reward of achievement. She need never give positive evidence of her moral character because virtue is assumed from her loveliness, and her passivity (GREER, 1971: 67). Sobre o Mito do “Eterno Feminino”, também pode ser consultado MUEL-DREYFUS, Francine. *Vichy et L’Eternel Féminin. Contributions à une Sociologie de l’Ordre des Corps*, Paris: Ed. Du Seuil, 1996.

condicionada a um estado de gravidez permanente, senão dos filhos, ela pode estar grávida da casa, do marido, das ansiedades e futilidades que essa sociedade a tenta envolver. Greer, ao descrever o ideal do altruísmo, diz “ Every mother was a saint”, descrevendo a imagem da mãe como aquela criatura instintiva, que carrega em si o ideal do amor, de gratuidade e de auto sacrifício (GREER, 1971: 169). Como afirma Helen Palmer, a maternidade nessa sociedade constitui-se um dever.

“Minha amiga, a primeira qualidade para uma mulher ser Mulher é saber ser Mãe. Não se descuide desse dever. Não seja o monstro responsável pelas futuras falhas de seu filho, deixando-o levemente crescer longe de seus olhos e de seus carinhos” (LISPECTOR, 2006: 33).

Um outro estereótipo associado a mulher é o do seu “natural” altruísmo¹⁴. A mulher é aquela que deve ter grande coração e sempre estar bem-disposta para servir a família, aos filhos e a sociedade, assumindo a sua secundarização na comunidade como uma qualidade. É a grande educadora dos filhos da pátria, aquela que não tem vida própria, cuja vida não tem sentido sem os outros. . A individualidade e a intimidade se diluem no ideal cristão da família, onde as mulheres são depositárias desses valores e carregam a responsabilidade pela “felicidade” e “bem-estar social” e “sucesso” de todos da família. Greer fala da “Mother Duck”, que carrega o ideal do altruísmo, e foram educadas para dar em detrimento de si (GREER, 1971: 168 - 169). A sociedade de ideais “cristãos” requer de todos que amem ao próximo como a si mesmos, mas às mulheres é requerido ainda mais: precisam amar os outros mais do que a si mesmas. Essa mulher é “The Angel in the House”¹⁵.

¹⁴ No ideal de altruísmo “cristão”, ensina-se aos homens o zelo da virilidade, visível nas lições da exaltação e da importância da força, da agressividade, da sublimação dos sentimentos e das fraquezas. No caso das mulheres, é-lhes ensinado o altruísmo, a fraqueza e a fragilidade como verdadeira grandeza, a submissão como virtude, a sabedoria, a obediência e a ocultação da agressividade.

¹⁵ Em seu ensaio *Profissões para Mulheres*, Virgínia Woolf assim descreve “The Angel in the House”: “Ela era intensamente sensível. Era imensamente encantadora. Era profundamente dedicada. Ela dominava todas as difíceis artes da vida familiar. Sacrificava-se diariamente. Se era galinha, ela ficava com a pata; se havia uma corrente de ar, ficava ela nesse lugar – resumindo, ela era tão condescendente que nunca tinha uma ideia ou um desejo próprio – em vez disso preferia concordar sempre com as ideias e desejos dos outros. Acima de tudo – nem preciso dizer – era pura (WOOLF, 2008: 42 - 43).

CLARICE, FICÇÃO E PÁGINAS FEMININAS

...que se passa quando as mulheres individuais não se reconhecem nas teorias que lhes explicam a sua essência insuperável? Que teremos de concluir, quando o essencial feminino é finalmente articulado, e aquilo a que temos vindo a chamar “mulheres” não se conseguem ver a elas mesmas nesses termos? (BUTLER, 2008: 169, 170).

Na medida em que os papéis convencionais femininos são estabelecidos é possível perceber a castração imposta às mulheres, através do poder exercido por uma cultura ocidental falo/logocêntrica. Essa castração acontece em diversos níveis: o impedimento do exercício da sua liberdade social, sexual e de expressão, o impedimento de desenvolver seu potencial criativo de inteligência e de intelectualidade, e principalmente o impedimento do exercício de sua própria autonomia (BOURDIEU, 1999: 57). É fato que, mesmo diante de todos esses fatores, as mulheres têm construído uma história fora da normatividade imposta. Mesmo assim, aquelas mulheres que de uma forma ou de outra, reapropriaram-se do direito de vivenciar o próprio corpo foram marginalizadas e tratadas ora como prostitutas ora como não “femininas”.

A crítica ao essencialismo e universalismo, portanto, é fundamental para criar novas categorias de linguagem, possibilitar novos espaços de reconstrução e de resignificação da história. O pensamento de Michel Foucault, nesse aspecto, proporcionou esse espaço, através da análise crítica dos poderes e da mulher na história. Foucault rompe com a ideia do “Eterno Feminino” defendido por médicos e naturalistas (PERROT, 2005:501). O processo de “docilização” dos corpos de soldados, de que fala Foucault, aconteceu também, no decorrer da história ocidental, em relação aos corpos das mulheres. Esse processo ainda é realidade na sociedade brasileira contemporânea. As representações de mulheres não só em textos da literatura brasileira, como por exemplo, nos textos de Clarice analisados neste ensaio, demonstra esse processo de “docilização”.

Na ficção lispectoriana, a ironia é utilizada como recurso para falar da condição e dos conflitos sociais vivenciados pelas personagens, e assim, criticar os estereótipos sociais da época, principalmente quando essas personagens assumem carácter restritivo quando submetidas a subjugação e a obediência, demonstrando-se incapazes de gerar a sua própria autonomia. Já os textos de Tereza Quadros, Helen Palmer e Ilka Soares, pseudônimos de Clarice Lispector, contribuem na conservação do mito do “Eterno Feminino” - uma representação dualista, natural e eternizada da relação entre os sexos,

que corrobora para a subjugação, dominação e controle dos “corpos”. Transformar o corpo da mulher em corpo dócil, tornar esse corpo aparentemente belo (segundo os padrões estabelecidos socialmente), forte e hábil para as tarefas cotidianas da casa e do cuidado com os filhos, eficiente e utilizável para o sexo, manipulável e sempre disponível é a finalidade desse projeto de dominação ao qual compactuou e ainda compactua a imprensa feminina brasileira. O que poderia ser para a mulher contemporânea a negação desse projeto de docilização do corpo? O que pensar quando as mulheres não mais se reconhem nesse projeto?

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Ângela Mendes de, *O gosto do pecado. Casamento e sexualidade nos manuais de confessores dos séculos XVI e XVII*, Lisboa, Rocco Portugal, 1994.

BASSANEZI, Carla. “Mulheres nos anos dourados”. In: *História das mulheres no Brasil*. Maria Del Priore (org). 6ª ed. São Paulo: Contexto, 2002.

BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo*. 2 vols. . Tradução de Sérgio Milliet. Lisboa: Bertrand, 2008.

BUTLER, Judith. “Variações sobre sexo e gênero: Beauvoir, Wittig e Foucault”. Trad. de Ana Isabel Crespo. In: CRESPO, Ana Isabel *et al*, (org.), *Variações sobre sexo e gênero*. Lisboa: Livros Horizonte, 2008, pp. 154-172.

BORELLI, Olga. *Clarice Lispector: esboço para um possível retrato*. Rio de Janeiro: nova Fronteira, 1981.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação Masculina*. Tradução de Miguel Serras Pereira, Oeiras: Celta, 1999.

BUITONI, Dulcilia Helena Schoeder. *Mulher de papel – a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira*. 2ª ed. revista e ampliada, São Paulo: Summus, 2009.

Cadernos de Literatura Brasileira: Clarice Lispector, Rio de Janeiro: Instituto Moreira Sales, v. 1, nº 17 e 18, 2004.

CHAUÍ, Marilena. *Repressão Sexual: essa nossa (des) conhecida*. 6ª ed, São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

Correio Feminino. Aparecida Maria Nunes (org.), Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

DEL PRIORE, Mary. “Viagem pelo Imaginário do Interior Feminino”, in: Revista Brasileira de História, Vol. 19, nº 37, São Paulo: Sete, 1999.

DUBY, Georges & PERROT, Michelle (orgs.), *História das mulheres no Ocidente*, Lisboa, Círculo de Leitores, 5 vols. 1993.

- DUBY, Georges et al., *Amor e sexualidade no Ocidente*, Lisboa, Terramar, 1992.
- ENSLER, Eve. *Os Monólogos da Vagina*. Tradução de Fausto Wolff, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- FITZ, Earl E. *Sexuality and Being in the Poststructuralist Universe of Clarice Lispector: The Différance of Desire*, Austin, Texas: University of Texas Press, 2001.
- FLANDRIN, J. L. *O sexo e o Ocidente*. São Paulo, Brasiliense, 1988, p. 119.
- FOUCAULT, Michael. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramallete, 36. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- FOUCAULT, Michel, *História da sexualidade I. A vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 18ª Edição, Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- FREUD, Sigmund. *O Mal-Estar da Civilização*. Tradução de Isabel Castro Silva. Lisboa: Relógio d'Água Editores, 2008.
- FRIEDAN, Betty. *A mística Feminista*. Tradução de Àurea B. Weissenberg, Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1971.
- GREER, Germaine. *The Female Eunuch*, London: Flamingo, 1971.
- MURARO, Rose Marie. *Sexualidade da Mulher Brasileira – corpo e classe social no Brasil*. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 1983.
- PEDREIRA, Sidinea Almeida. *O Correio Feminino e o Social em Clarice Lispector: Representações de Mulheres Brasileiras nas décadas de 1950 e 1960*, 120p. Dissertação (Mestrado em Estudos Feministas), Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2010.
- PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Tradução de Viviane Ribeiro, Bauru, São Paulo: EDUSC, 2005.
- RICH, Adrienne. *Of Woman Born: motherhood as experience and institution*, New York: Norton, 1976.
- ROLAND, Barthes. *Mitologias*. Tradução e prefácio de José Augusto Seabra. Lisboa: Edições 70, 1988.
- SANDENBERG, Cecília Maria Bacellar. “A mulher frente à cultura da eterna juventude: reflexões teóricas e pessoais de uma feminista ‘cinquentona’” in: FERREIRA, Sílvia Lúcia e NASCIMENTO, Enilda Rosendo (orgs.). *Imagens da mulher na cultura contemporânea*, Coleção Bahianas, Salvador: NEIM/UFBA, 2002.